



CONHECIMENTOS SOBRE PLANTAS MEDICINAIS DE COMUNIDADES TRADICIONAIS EM VISEU/PARÁ: VALORIZAÇÃO E CONSERVAÇÃO

Knowledge on medicinal plant of traditional communities in Viseu/Pará: appreciation
and conservation

Thais Larissa Soares da Silva¹, Louise Ferreira Rosal², Damiana Pina Montão³,
Maria Fabiele Silva Oliveira⁴ e Raí Ferreira Batista⁵

¹ Mestre em Desenvolvimento Rural e Gestão de Empreendimentos, Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará – Campus Castanhal. E-mail: t_larissa10@hotmail.com.

² Professora Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Rural e Gestão de Empreendimentos Agroalimentares do Pará – Campus Castanhal. E-mail: louiserosal@gmail.com.

³ Mestre em Desenvolvimento Rural e Gestão de Empreendimentos, Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará – Campus Castanhal. E-mail: dami-montão@hotmail.com.

⁴ Discente do Programa de Pós graduação em Biologia de Água Doce e Pesca Interior. E-mail: fabiefabieleilva@gmail.com.

⁵ Discente do Programa de Pós graduação em Ciência do Solo (PPGCS), Universidade Federal de Santa Maria. E-mail: ferreira.raibatista@gmail.com

Recebido em:
19/09/2017

Aceito para publicação em:
07/08/2019

Correspondência para:
t_larissa10@hotmail.com

RESUMO

O Brasil conta com ampla tradição no uso das plantas medicinais vinculadas ao conhecimento popular. Este trabalho tem como objetivo identificar as formas de obtenção e repasse dos conhecimentos tradicionais sobre plantas medicinais nas comunidades Taperebateua, João Grande e Bairro do Mangueirão de Viseu/PA, detentoras de valiosos conhecimentos sobre esses vegetais. O estudo é um levantamento de caráter qualitativo. Na coleta dos dados, foram utilizadas observações do participante, bem como entrevistas formais e informais, por meio de um questionário semi-estruturado. Verificou-se que as famílias foram capazes de manter suas tradições, com o uso de plantas medicinais para o tratamento de enfermidades por meio do repasse dos conhecimentos entre as gerações e pela contínua agregação de novos elementos a sua sabedoria. Essa prática viabilizou sua reprodução até os dias atuais e poderá possibilitar o tratamento terapêutico nessa e nas próximas sucessões dos grupos sociais.

Palavras-chave: Etnobotânica. Sabedorias. Plantas Curadoras.

ABSTRACT

Brazil has a long tradition in the using of medicinal plants linked to popular knowledge. The objective of this work is to identify the ways of obtaining and passing on traditional knowledge about medicinal plants in the Taperebateua, João Grande and Mangueirão neighborhoods of Viseu / PA, which have valuable knowledge about these plants. The study is a qualitative survey. The tools used to collect the data were: participant observation and formal and informal interviews, through a semi-structured questionnaire. It was verified that the studied families were able to maintain their traditions, with the using of medicinal plants for the treatment of diseases through the transfer of knowledge between their generations and by the continuous aggregation of new elements to their wisdom. This practice made possible its reproduction until the present day and could enable the therapeutic treatment in this and in the next successions of social groups.

Keywords: Ethnobotany. Wisdoms. Healing Plants.

Introdução

Plantas medicinais são espécies vegetais que possuem substâncias biologicamente ativas com propriedades terapêuticas (DI STASI, 1996). Conforme Vieira (2008), são todos os vegetais que oferecem efeito terapêutico para uma ou mais patologias, através de alguma parte da planta tecnicamente denominada bioativa.

O Brasil conta com ampla tradição do uso das plantas medicinais vinculadas ao saber popular transmitidos entre gerações (FONSECA, 2012). A compreensão sobre as plantas medicinais existentes no país é muito relevante, uma vez que representa conhecimentos e tradições de um conjunto de povos (indígena, europeu, africano, entre outros). No período da colonização do Brasil, ocorreu a fusão de variadas sabedorias, o que tornou o país de rico conhecimento popular - etnoconhecimento.

Assim como ocorreu em todo território nacional, o Estado do Pará sofreu forte influência dos conhecimentos europeus e africanos sobre o uso das plantas medicinais, tal condição garante ao Pará uma vasta diversidade de sabedorias relacionadas a essas plantas, o que aponta para uma necessidade latente de desenvolvimento de estudos que valorizem as cognições populares paraenses. O município de Viseu é constituído por uma considerável diversidade de comunidades tradicionais: indígenas, quilombolas, pescadores artesanais e agricultores camponeses (IDESP, 2016). Essa diversidade garante, localmente, um acervo relevante de conhecimentos sobre plantas com funções terapêuticas. Assim, faz-se necessário o estudo e a divulgação de informações a respeito do conhecimento tradicional sobre o uso de plantas medicinais na região.

Os conhecimentos sobre o uso das plantas medicinais com poder curativo estão presentes, principalmente, entre as populações tradicionais. Dentro desse grupo encontram-se a categoria dos pescadores artesanais e quilombolas. Prance (1991) afirma que as populações de pescadores artesanais guardam heranças de conhecimentos e procedimentos relativos ao uso de plantas provenientes de grupos indígenas há muito extintos, bem como trazem herança da cultura europeia e africana. Ademais, os pescadores e os quilombolas apresentam sabedorias recebidas de seus ancestrais, absorvidos das culturas dos demais povos, índio e europeu, presentes em terras brasileiras e, ainda, por meio do vasto campo de experimentação empírica no transcurso histórico. A esses saberes são associadas suas crenças e percepções de vida (MONTELES e PINHEIRO, 2007).

No intuito de viabilizar a valorização dos conhecimentos populares, pesquisas vêm sendo conduzidas, de modo crescente em área de ciência denominada Etnobotânica. No Brasil, as pesquisas etnobotânicas com plantas medicinais têm aumentado, o que ressalta a importância cultural e o significado das plantas medicinais na vida dos povos (OLIVEIRA et al., 2009; RIOS, 2002). Tomchinsky et al. (2013) afirmam que a Etnociência se revela como o campo interdisciplinar que compreende o estudo e interpretação do conhecimento, significação cultural, manejo e usos tradicionais dos elementos da natureza.

O objetivo deste trabalho foi identificar as formas de obtenção e repasse dos saberes tradicionais sobre plantas medicinais de quilombolas e pescadores artesanais em três comunidades, quais sejam, Taperebateua, João Grande e Bairro do Mangueirão, do município de Viseu, Pará.

Metodologia

Natureza do estudo

Este estudo apresenta caráter qualitativo, do tipo levantamento. A metodologia segue orientações de Gil (2010), Amorozo e Vierter (2010) e Minayo (2001).

Local da pesquisa

O estudo foi realizado no município de Viseu (Figura 1), que está localizado na costa nordeste do estado do Pará, na mesorregião do nordeste paraense e à microrregião Guamá. Situa-se próximo ao ponto de referência com coordenadas geográficas de 01° 12' 15" de latitude Sul e 46° 08' 15" de longitude Oeste de Greenwich (IDESP, 2016).

A pesquisa foi realizada em três localidades. A primeira foi a comunidade tradicional pesqueira praia Taperebateua, a segunda foi a comunidade quilombola João Grande e a terceira foi o bairro Mangueirão, na sede do município de Viseu/PA. A escolha dos locais de estudo foi orientada pela necessidade de compreender como os saberes sobre plantas medicinais eram repassados, conservados e reproduzidos em realidades distintas. Portanto, foram eleitos locais com características que poderiam manifestar a suposta diversidade de relações com as plantas utilizadas para fins terapêuticos. Assim, foram considerados aspectos da comunidade tradicional apresentar conhecimentos sobre plantas medicinais, além de possuírem modos de vida pautados em costumes peculiares, relação estreita com os recursos naturais e ter neles sua sobrevivência, seja pela pesca, caça, agricultura e a cura de enfermidades físicas e espirituais, entre outras razões.

O bairro Mangueirão foi escolhido para possibilitar a análise dos conhecimentos em uma localidade mais urbanizada e compreender em que medida essa condição interfere na manutenção da tradição de uso dos fitoterápicos. Esse espaço representa uma região de Viseu com grande concentração de pessoas, que vieram de diferentes lugares da própria cidade, de municípios do entorno e de outras regiões.

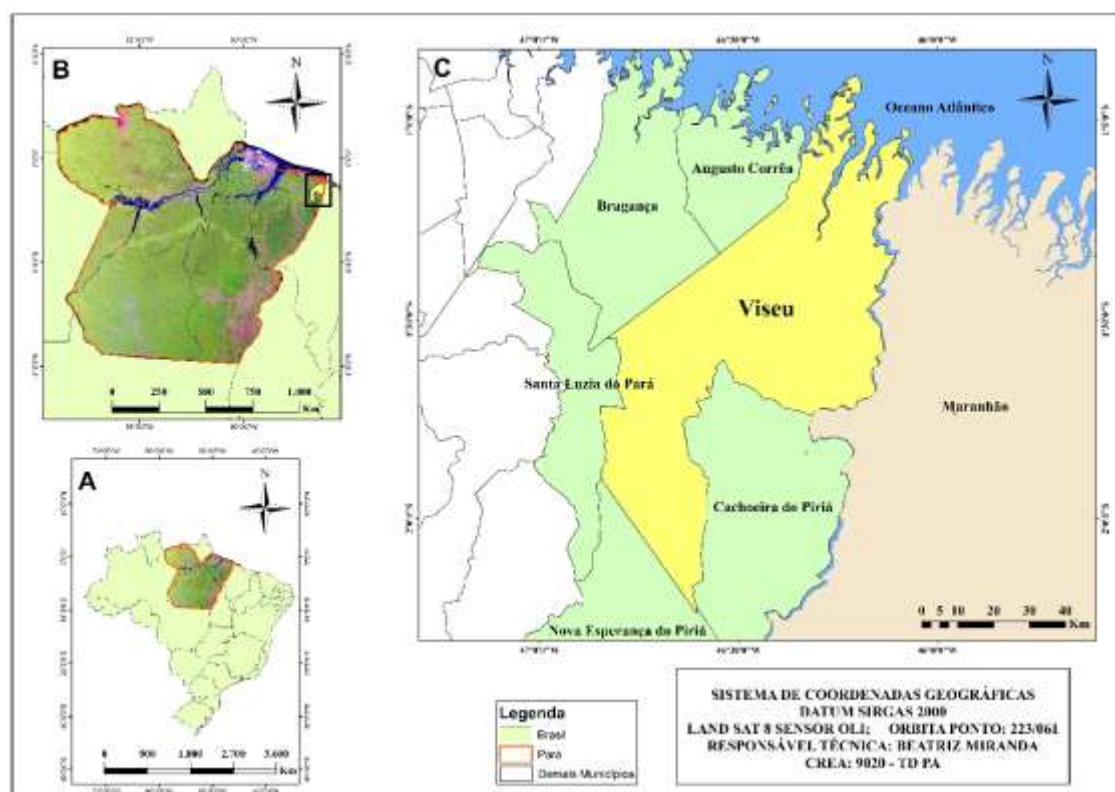


Figura 1. Localização geográfica do município de Viseu, Pará, Brasil.

A praia Taperebateua (Figura 2) é uma comunidade tradicional pesqueira, constituída por, aproximadamente, 70 famílias. É uma das 47 comunidades que compõem a Reserva Extrativista Marinha - RESEX Gurupi-Piriá. Está localizada na baía do rio Gurupi, próxima ao rio Itacupim, em ilha de terra firme (01° 03' 19" de latitude Sul e 46° 09' 24" longitude Oeste de Greenwich, rodeada por manguezal). O acesso a Taperebateua é via aquática, em embarcações particulares e de linha, com uma única viagem por dia, de segunda a sexta-feira. Os serviços básicos são precários, com dificuldades na

disponibilidade de água potável, energia elétrica, meios de comunicação, segurança, saneamento, transporte e serviço de saúde (SANTOS, 2015).

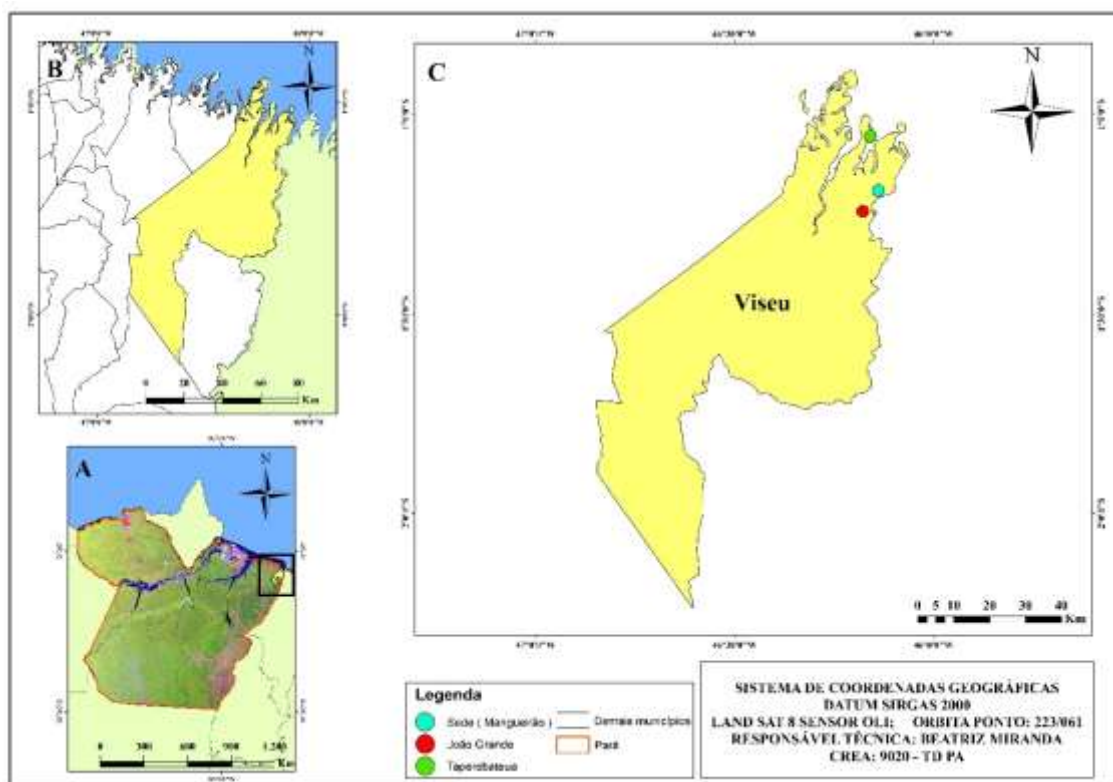


Figura 2. Localização geográfica das comunidades Taperebateua, João Grande e Sede do município de Viséu, Pará, Brasil.

A comunidade João Grande (Figura 2) é constituída de remanescentes de quilombolas, composta por 65 famílias, localizada a, aproximadamente, dois quilômetros da margem esquerda da BR 308, distante cerca de dez quilômetros da sede do município, sob as coordenadas geográficas 01º 14' 35" de latitude Sul e 46º 10' 42" longitude Oeste de Greenwich. O acesso à comunidade é por via terrestre e não há linha de ônibus específica para o local, até o momento. Os moradores da comunidade se locomovem por meio de transporte particular e em ônibus de outras comunidades (SILVA e ROSAL, 2018).

O bairro Mangueirão (Figura 2) compõe a sede do município de Viséu. É constituído, entre outros moradores, por pescadores(as) artesanais oriundos de comunidades praianas, vila de pescadores e comunidades tradicionais pesqueiras circunvizinhas do município. O bairro Mangueirão faz parte da RESEX Gurupi-Piriá. O local de pesquisa está localizado próximo ao ponto de referência 01º 11' 28" de latitude Sul e 46º 08' 23" longitude Oeste de Greenwich (SANTOS, 2015).

Período das visitas e coletas de dados

As informações etnobotânicas foram coletadas entre os meses de abril a julho de 2016. Na coleta de dados utilizou-se as seguintes metodologias: observação participante, entrevistas informais e semiestruturadas, sondagens e história de vida (ALBUQUERQUE et al., 2010a).

A observação participante permitiu o primeiro contato com os pesquisados e, ainda, a exploração da realidade preliminar da comunidade, conforme propõe Combessie (2004).

A entrevista informal diz respeito a uma conversa com o entrevistado, sem controle do que será dito e sem estrutura estabelecida (AMOROZO e VIERTLER, 2010). Já a entrevista semi-estruturada faz uso de questionamento do entrevistado com perguntas parcialmente formuladas pelo pesquisador,

essa metodologia de coleta de informações apresenta grande flexibilidade, pois permite aprofundar elementos que podem ir surgindo ao longo da entrevista (ALBUQUERQUE et al., 2010a).

A sondagem e a história de vida são metodologias com uma abordagem aberta, subjetiva, na qual a comunicação foi conduzida na primeira pessoa (AMOROZO e VIERTLER, 2010).

Nas entrevistas, foram utilizadas as seguintes ferramentas: gravador de voz, caderno de campo e formulário previamente elaborado. As ferramentas viabilizaram o registro dos conhecimentos locais dos participantes. Ressalta-se que as gravações foram realizadas com a permissão do entrevistado e que foram feitos registros fotográficos ao longo da pesquisa.

Amorozo (1996) afirma que é mais proveitoso combinar as diversas formas de coleta de dados, de acordo com os interesses e a situação de campo. Silva (2002) ressalta que, quanto mais detalhadas forem as informações, maiores serão as chances da pesquisa trazer subsídios de interesse.

A pesquisa foi desenvolvida em conformidade com a Lei nº 13.123, de 20 de maio de 2015, que estabelece as regras para acesso ao patrimônio genético, acesso ao conhecimento tradicional associado e repartição de benefícios (BRASIL, 2015). A proposta de pesquisa foi submetida ao Sistema de Autorização e Informação em Biodiversidade - SISBIO, que forneceu autorização pelo número: 54969-1 e ao Sistema Nacional de Gestão do Patrimônio Genético e do Conhecimento Tradicional Associado – SISGEN, com autorização número: AB1E2D5, para o desenvolvimento da pesquisa.

Critérios de inclusão dos informantes

A escolha dos informantes ocorreu de maneira não probabilística (ALBUQUERQUE et al., 2010), considerando-se pessoas que detêm conhecimentos suficientes sobre sua cultura, a fim de atuar de forma satisfatória em suas expressões habituais (AMOROZO, 1996). Assim, foram investigados os especialistas locais que, de acordo com Albuquerque et al. (2010b), diz respeito um conjunto de indivíduos, legitimados e reconhecidos socialmente como detentores de um saber em particular.

Os informantes foram indicados pelos próprios entrevistados por meio da metodologia “bola de neve” (WORLD HEALTH ASSOCIATION, 1994). De acordo com Baldin e Munhoz (2011), essa técnica é uma forma de amostra não probabilística utilizada em pesquisas sociais, em que os participantes iniciais de um estudo indicam novos participantes que, por sua vez, indicam novos participantes e assim sucessivamente, até que seja alcançado o objetivo proposto (o “ponto de saturação”). Quando os novos entrevistados passam a repetir os conteúdos já obtidos em entrevistas anteriores, sem acrescentar novas informações relevantes à pesquisa é atingido o “ponto de saturação”.

Foram selecionados 31 informantes, sendo 10 da praia Taperebateua, 11 do João Grande e 10 do bairro do Mangueirão. Aplicou-se a técnica da abordagem direta (VIU et al., 2010) aos moradores, sem uma prévia apresentação formal aos líderes comunitários. As abordagens foram realizadas em seus domicílios, onde foram explicados em pormenores os objetivos e a metodologia do trabalho.

Os entrevistados assinaram o termo de consentimento livre e esclarecido (TCLE).

Questionário

Os questionários semiestruturados utilizados na obtenção dos dados do estudo dispuseram das seguintes questões norteadoras: I - Como e com quem aprendeu a utilizar as plantas medicinais? II – Você repassa seus conhecimentos sobre as plantas medicinais? III – Para quem você repassou seus conhecimentos? IV - De que forma se dá o repasse?

Sistematização e análise dos dados

Após a coleta, os dados foram sistematizados com o apoio de planilhas próprias, o que proporcionou a análise dos dados. Foram considerados todos os registros escritos sobre as formas de obtenção e repasse do conhecimento tradicional entre os entrevistados que, de alguma forma,

contribuíram para entender e esclarecer o fenômeno e as relações estabelecidas nos grupos em questão. Foram efetuadas as transcrições das entrevistas gravadas, das informações contidas no caderno de campo e no roteiro de entrevistas, para posterior análise e reflexão.

Resultados e discussão

A predominância de entrevistados foi do sexo feminino, em Taperebateua as mulheres representaram 100% dos respondentes, no João Grande foram 90,9% e na Sede 90%. Em geral, nos trabalhos sobre etnobotânica de plantas medicinais, as mulheres são as principais participantes, como verificaram Freitas e Fernandes (2006) e Jesus et al. (2009), que obtiveram um total de 70% e 83,3% de representação feminina na pesquisa, respectivamente. Monteiro (2012) afirma que as mulheres são mais disponíveis para uma conversa, principalmente quando se trata de plantas medicinais.

Os entrevistados das três realidades pesquisadas possuem profundo conhecimento sobre o uso de plantas medicinais. Esse saber foi adquirido de seus antepassados ao longo do tempo e a partir da relação construída com a natureza, em especial com os ecossistemas de mata, manguezal e aquático. De acordo com Attuch (2006), os povos tradicionais se caracterizam por saberem usar os recursos naturais de forma a não alterar seus princípios de funcionamento e de reduzirem riscos às condições de reprodução dos ecossistemas. Esses conhecimentos são preservados e repassados às novas gerações no intuito de mantê-los vivos, garantindo o tratamento das mais diversas enfermidades acometidas àqueles tecidos sociais, aliando-se à preservação dos recursos da natureza e à permanência deste povo ao longo do tempo.

De acordo com Toledo e Barrera-Bassols (2015), as sabedorias tradicionais revelam um formidável mecanismo de memorização e a permanência destas ao longo do tempo, podem não ser livres de alterações, crises e turbulências em função da interferência de fatores externos, tais como informações e modernidade, e torna-se memória relacionada à espécie em questão.

É importante ressaltar que o acervo de conhecimento sobre o uso de plantas medicinais não é igualmente distribuído entre a população estudada, geralmente com o avanço da idade o acúmulo de conhecimentos é maior. Existem, também, aqueles indivíduos que tiveram oportunidade de dedicar-se mais aos estudos, incorporando ao seu acervo informações adquiridas, principalmente, através dos meios de comunicações.

No desenvolvimento da pesquisa, foram observadas informações relevantes sobre plantas medicinais, em especial no que diz respeito à aquisição e repasse dos conhecimentos sobre elas. Tais saberes representam, para os entrevistados, uma forma muito importante de viabilizar o tratamento de doenças através da natureza. Segundo eles, na maioria dos casos, as plantas medicinais são o único recurso terapêutico que possuem.

Para os pescadores de Taperebateua e Mangueirão, a forte relação com as plantas medicinais se estabelece, principalmente, quando estão no mar exercendo a atividade da pesca, pois, nesse momento, estão distantes de qualquer outra forma de recurso terapêutico que não seja a natureza. Já para a comunidade quilombola, o fator determinante para o uso de plantas medicinais é a tradição e a falta de recurso financeiro para a aquisição de medicamentos industrializados. Segundo Castro e Ferreira (2001), a interação das comunidades com as plantas se dá pela busca de melhor qualidade de vida ou na tentativa de suprir deficiências do sistema de saúde oficial.

Nas três realidades pesquisadas, os entrevistados aprenderam sobre o uso das plantas medicinais no tratamento de enfermidades, particularmente, por meio de suas mães e avós (Quadro 1). A mãe foi a referência mais citada como fonte de aquisição de conhecimento nas três localidades, sendo citada em Taperebateua e na Sede 10 vezes de um total de 10 entrevistados e no João Grande por 7 dos 11 entrevistados. A segunda fonte mais informada foi a avó, com 1 citação no Taperebateua e 3 no João Grande e na Sede. Liporacci e Simão (2013) também observaram a transmissão do conhecimento, fundamentalmente, pelas mães e avós. Machado (2012) relata que o aprendizado

começa muito cedo, quando pequenas as meninas acompanham as atividades das mães e das irmãs. Ao longo do processo de aprendizagem, os conhecimentos podem ser, também, passados de sogra para nora. Após a construção dos saberes, eles são compartilhados, em sua maioria, entre outros parentes, vizinhas e amigas por meio de relação de trocas.

Quadro 1. Origem dos conhecimentos sobre as plantas medicinais das três comunidades pesquisadas em Viseu/PA.

| Fonte do conhecimento | Taperebateua | João Grande | Sede |
|-----------------------|--------------|-------------|------|
| Mãe | 10 | 7 | 10 |
| Avó | 1 | 3 | 3 |
| Vizinho | 1 | - | 1 |
| Bisavô | - | 1 | - |
| Sogra | - | 1 | - |
| Tia | - | 1 | - |
| Pai | - | - | 1 |

Verificou-se que a mãe apresenta papel importante na difusão do conhecimento. Isso pode estar relacionado ao fato dela possuir um contato maior com os filhos, pois, geralmente, ela fica no lar cuidando dos afazeres domésticos, enquanto o marido vai ao mar em busca de alimento e sustento para a família. Outro fator é que, culturalmente, cabe à mãe o papel de cuidar e de passar os ensinamentos aos filhos. Machado (2012) afirma que são imputadas às mulheres a responsabilidade da criação e manutenção de pessoas, objetos, animais e plantas. Da gestação ao parto, elas criam, fisicamente, gente, além de coletarem sementes, trocarem mudas, plantarem, colhem frutos e alimentos, e cuidam de pessoas.

Merétika (2008) relata que a mulher possui maior conhecimento sobre as plantas medicinais e isso ocorre pelas funções exercidas por elas que, sendo responsáveis pelo trato dos quintais de casa e pelo cuidado da saúde da família, tendem a conhecer mais plantas medicinais que os homens. Rodrigues e Casali (2002) afirmam que as mulheres são grandes detentoras do conhecimento sobre as plantas medicinais e têm importante papel no processo de transmissão, pois são elas que cuidam dos filhos e de familiares quando enfermos.

Para Ferrão et al. (2014), os conhecimentos das mulheres sobre as plantas medicinais são mais abrangentes sobre as espécies domesticadas, enquanto, entre os homens, verifica-se maior conhecimento sobre as plantas nativas. Em nosso estudo, a maioria das plantas informadas pelas mulheres eram aquelas que se encontravam cultivadas nos quintais, como a arruda (*Ruta graveolens* L.) e o mastruz (*Dysphania ambrosioides* (L.) Mosyakin & Clemants), essas plantas foram citadas por todas as entrevistadas, nas três comunidades averiguadas. Entre os homens entrevistados, a planta comum a todos foi o piquiá (*Caryocar villosum* (Aubl.) Pers.), espécie comum na Amazônia Central (MARTINS e GRIBEL, 2007).

Geertz (2004) afirma que a mulher desempenha papel fundamental no repasse do conhecimento sobre as espécies medicinais, pois é detentora e modeladora de situações diversas, que mostra a adaptabilidade ao ambiente e às formas de uso dos recursos naturais que lhes são comuns.

As sociedades tradicionais detêm um repertório de conhecimentos que foram construídos em função de uma longa história de utilização dos recursos da natureza, como as plantas com ações terapêuticas. Esse conhecimento é local, coletivo e holístico, e é transmitido de geração em geração (TOLEDO e BARRERA-BASSOLS, 2015). As famílias pesquisadas mantêm essas relações, sobretudo no que se refere à demanda por alimento e à cura de enfermidades físicas e espirituais, com a natureza, em especial com os ecossistemas de mata de terra firme, aquáticos e de manguezal, o que garante a elas um arcabouço diferenciado de conhecimentos. Cada comunidade possui seu próprio sistema de classificação, crenças e métodos populares capazes de promover a cura dos seus males (MOREIRA et al. 2002). Os conhecimentos das atuais gerações de entrevistados são agregados àqueles recebidos de seus antepassados, garantindo sua reprodução social.

No tocante à forma de acesso dos conhecimentos a respeito do uso das plantas medicinais, a pesquisa mostrou que os meios de obtenção do conhecimento foram: relato da forma de preparar os remédios composto de plantas, observação do preparo dos remédios e auxílio no preparo dos remédios. Vale destacar que o processo do repasse do conhecimento é dado, principalmente, quando ocorre um caso de doença. A oralidade (20 citações), a observação (19 citações) e a prática da preparação (15 citações) foram as instrumentalizações listadas pelos entrevistados que permitiram a construção cognitiva dos seus saberes.

Nesse sentido, Machado (2012) verificou em seu estudo que a interiorização do conhecimento ocorre, preferencialmente, através do olhar, da imitação e do ajudar. Para a autora, o saber é compartilhado e, depois, ativado como marca de pertencimento e um meio pelo qual elas mantêm e reforçam as relações de parentesco. Salienta-se que 68% dos entrevistados citou mais de uma forma de acesso ao conhecimento sobre as plantas curativas. Geralmente, a prática da oralidade é combinada a uma outra forma de aquisição. O repasse do saber popular sobre as plantas medicinais, no decorrer do tempo, entre as gerações, por meio da vivência e oralidade é uma prática também chamada por alguns estudiosos de cultura das conversas (MORAES, 2007; OLIVEIRA, 2008).

Toledo e Barrera-Bassols (2015) expõem que a transmissão dos conhecimentos tradicionais se faz através da linguagem e que não necessita ser escrita (conhecimento ágrafo), tornando a memória um recurso importantíssimo da vida tradicional. Os autores informam, ainda, que essas sabedorias foram, ao longo do tempo, refinadas e aperfeiçoadas, o que gerou um produto que se encontra atualmente nas mentes e mãos de seres humanos que compõem os chamados povos tradicionais, como os pescadores artesanais e a comunidade quilombola participante dessa pesquisa. De acordo com esses autores, as sabedorias tradicionais estão em conexão com os fenômenos humanos, a prática e a crença, o primeiro permite satisfação material e o segundo o agrado espiritual.

A sociedade atual vem sofrendo grande intervenção cultural da modernidade que se expande mundialmente e essa visão não tolera nenhuma outra tradição diferente da convencionalizada pela mídia de massa. Entretanto, apesar das pressões da modernidade exercidas sobre as tradições, elas se mantêm vivas (SANT'ANA JÚNIOR, 2005). As comunidades tradicionais têm se encarregado de repassar para as novas gerações as sabedorias construídas a respeito da relação ser humano/natureza (COUTINHO et al., 2002). Inserem-se nesse contexto os entrevistados das três realidades pesquisadas em Viseu.

Na investigação dos conhecimentos tradicionais sobre o uso das plantas medicinais, buscou-se verificar sobre o repasse do conhecimento entre as gerações. Ao serem questionados se repassavam seus conhecimentos, todos afirmaram realizar a prática. Na averiguação, foram verificados 12 diferentes perfis ou categorias de receptores do conhecimento (Quadro 2). As sabedorias sobre as plantas medicinais são transmitidas principalmente para filhos e vizinhas. Merétika (2008) verificou em seu trabalho que a principal forma de transmissão do conhecimento sobre plantas medicinais ocorreu de mãe para filhas e filhos. Toledo e Barrera-Bassols (2015) expõem sobre o compartilhamento do saber e afirmam que o diálogo entre o indivíduo e seus filhos e netos visam o futuro.

Quadro 2. Receptores dos conhecimentos sobre plantas medicinais das três comunidades pesquisada em Viseu/PA.

| Receptores do conhecimento | Taperebategua | João Grande | Sede |
|----------------------------|---------------|-------------|------|
| Filha | 10 | 8 | 6 |
| Filho | - | 1 | 1 |
| Vizinha | 7 | 6 | 10 |
| Nora | 3 | 1 | 2 |
| Neta | 3 | 3 | 2 |
| Irmão | - | - | 3 |
| Comadre | 1 | - | - |
| Familiares | 1 | 2 | 2 |
| Amigo | - | 1 | 2 |
| Conhecido | - | 3 | - |
| Colega | - | - | 1 |
| Sobrinha | - | 1 | - |

Os entrevistados buscam repassar seus conhecimentos às novas gerações tendo em vista a manutenção dos saberes tradicionais sobre o uso das plantas medicinais, pois a prática do tratamento de doenças por plantas curadoras foi e é uma preferência desses atores sociais. Em suma, pela ausência de efeito colateral, pelo fácil acesso e pela pouca disponibilidade de recursos financeiros para aquisição de medicamentos alopáticos. Além disso, afirmam que os conhecimentos recebidos de seus antepassados têm especial valor e não podem ser perdidos ao longo do tempo. Merétika (2008) verificou que a transmissão do conhecimento de plantas medicinais ocorre, principalmente, dentro do ambiente familiar, das gerações mais velhas para as mais novas.

Machado (2012), em pesquisa realizada na ilha Caviana, localizada no extremo norte do estado do Pará, delta do rio Amazonas, verificou que o conhecimento e manuseio das plantas são transmitidos para filha, no processo inicial de um canteiro. Posteriormente, esses saberes são compartilhados, também, entre outros parentes, amigas e vizinhas, através de visitas, em que as mulheres trocam mudas de plantas e experiências. Ainda de acordo com a autora, nos canteiros são testadas pelas mulheres algumas plantas, que trazem do mato, das casas dos parentes e das amigas.

Andreoli (2009) relata que a inter-relação de saberes e práticas cria identidades, valores e ações solidárias na relação com a natureza. O autor destaca a importância de valorizar as sabedorias tradicionais na atualidade, pois esses conhecimentos irão orientar a construção de uma sociedade sustentável.

Embora os saberes locais sejam adquiridos por meio de um processo de aprendizagem, eles incorporam outros aspectos, como a relação estabelecida com a natureza e a cultura. Para Toledo e Barrera-Bassols (2015), a natureza e a cultura são aspectos que não podem ser separados. Cada cultura ou civilização constrói uma imagem própria de sua natureza e percebem de maneira distinta os bens e riquezas confinados a ela, adotando, assim, uma estratégia particular de uso dos recursos naturais (TOLEDO et al., 1995).

No que diz respeito às formas de repasse do conhecimento dos entrevistados para as novas gerações, verificou-se que estas pessoas se utilizaram dos mesmos métodos que lhes proporcionaram o acesso de seus conhecimentos e a oralidade foi utilizada por todos os informantes. Nesse sentido, Alves e Moraes (2002) afirmam que o conhecimento é transmitido pelas famílias e vizinhos de maneira prática, oral e gestual, não se comunicando com a instituição médica, e que os mais novos aprendem com os mais velhos uma função que, no futuro, será um de seus afazeres e uma das suas necessidades.

Machado (2012) verificou que, na ilha de Caviana, situada na foz do Rio Amazonas próximo ao Estado do Amapá, o conhecimento é amplamente difundido, embora pouco formalizado. A autora afirma que, na ilha, as mulheres fazem mais do que cultivar plantas, elas as fabricam, sua relação com as plantas expressa uma maneira particular de ordenar e compreender o mundo.

As famílias estudadas foram capazes de manter suas tradições como o uso de plantas medicinais para o tratamento de enfermidades por meio da contínua agregação de novos elementos, como a tecnologia, que possibilita a obtenção de novos conhecimentos, sobretudo por meio de programas de televisão que tratam de plantas medicinais, além do uso de medicamentos produzidos em laboratórios aliados às usuais plantas curativas. Essa prática viabilizou sua reprodução até os dias atuais e poderá possibilitar o cuidado de enfermidades por tempos futuros, pois as novas gerações, apesar das influências externas, têm buscado apreender os conhecimentos tradicionais. A estas, serão agregados novos elementos que viabilizarão sua permanência ao longo do tempo e do espaço.

Considerações finais

Os conhecimentos tradicionais sobre o uso de plantas medicinais existentes entre as famílias das três realidades pesquisadas no município de Viseu são muito valiosos, tanto no que diz respeito à ciência, quanto para a reprodução social desses povos, e devem ser preservados para que não sejam perdidos. Eles fazem parte da história viseuense e podem contribuir para a garantia da sobrevivência, da reprodução de grupos sociais e da conservação dos recursos naturais.

Ao verificar as formas de obtenção e repasse das sabedorias tradicionais relacionadas às plantas medicinais nas comunidades estudadas, se constatou que os entrevistados recebem seus

conhecimentos, principalmente, de suas mães e avós, por meio da oralidade. Já no que se refere ao repasse destes para as novas gerações, a transferência ocorreu, sobretudo, para as filhas, o que evidenciou a importância da mulher na difusão dos conhecimentos sobre as plantas medicinais. Sobre a forma como o conhecimento se transmite, a prática, a oralidade e o gestual são meios pelos quais o repasse acontece, sendo a oralidade a principal delas.

A riqueza de sabedorias existentes entre esses povos, ocorre, especialmente, pela herança (miscigenada) recebida de antepassados, pela relação mantida com a natureza e pela socialização coletiva entre os moradores. Dessa forma, reafirma-se a importância da valorização do conhecimento tradicional das populações tradicionais viseuenses, uma vez que elas desempenham importante papel na conservação e continuação da diversidade sociobiocultural.

Agradecimentos

Ao IFPA - Campus Castanhal e ao Programa de Mestrado Profissional em Desenvolvimento Rural e Gestão de Empreendimentos Agroalimentares.

À equipe do Laboratório de Botânica da EMBRAPA Amazônia Oriental, pela solicitude em colaborar para a realização da identificação do material botânico.

A TODOS os moradores das comunidades Taperebateua, João Grande e Sede (bairro Mangueirão), pelo acolhimento, contribuições e sabedorias compartilhadas no desenvolvimento desse trabalho.

À equipe de campo, ao historiador Raimundo Gonçalves e ao senhor José da Paz, pelas contribuições na realização deste trabalho.

Referências

- ALBUQUERQUE, U. P. et al. Métodos e técnicas para coleta de dados etnobiológicos. In: ALBUQUERQUE, U. P.; LUCENA, R. F. P; CUNHA, L. V. F. C. (Org.). **Métodos e técnicas na pesquisa etnobiológica e etnoecológica**. Recife: NUPEEA, p. 39-64, 2010a.
- ALBUQUERQUE, U. P. et al. Seleção dos participantes da pesquisa. In: ALBUQUERQUE, U. P.; LUCENA, R. F. P; CUNHA, L. V. F. C. (Org.). **Métodos e técnicas na pesquisa etnobiológica e etnoecológica**. Recife: NUPEEA, p. 21-38, 2010b.
- ALVES, S. S. J.; MORAIS, R. G. **Etnobotânica de plantas medicinais**. In: 1º Seminário Mato-Grossense de Etnobiologia e Etnoecologia; 2º Seminário Centro-Oeste de Plantas Medicinais, Cuiabá. **Anais...** Cuiabá: Unicen, p. 89-98, 2002.
- AMOROZO, M. C. M. A abordagem etnobotânica na pesquisa de plantas medicinais. In: DI STASI, L. C. (Org.). **Plantas medicinais: arte e ciência – um guia de estudo interdisciplinar**. Botucatu: UNESP, p. 47-68, 1996.
- AMOROZO, M. C. M.; VIERTLER, R. B. A abordagem qualitativa na coleta e análise de dados em etnobiologia e etnoecologia. In: ALBUQUERQUE, U. P.; LUCENA, R. F. P; CUNHA, L. V. F. C. (Org.). **Métodos e Técnicas na pesquisa etnobiológica e etnoecológica**. Recife, PE: NUPEEA, 2010.
- ANDREOLI, V. M. Diálogos entre os conhecimentos tradicionais e as práticas conservacionistas da natureza: uma possível abordagem. In: I seminário Nacional Sociologia e política. Curitiba. **Anais...** Curitiba, 2009.
- ATTUCH, I. M. **Conhecimentos tradicionais do Cerrado: sobre a memória de Dona Flor, raizeira e parteira**. 147 f. Dissertação (Mestrado em Antropologia) – Departamento de Antropologia Social, Universidade de Brasília, Brasília, 2006.
- BALDIN, N.; MUNHOZ, E. M. B. Snowball (bola de neve): uma técnica metodológica para pesquisa em educação ambiental comunitária. In: X Congresso Nacional de Educação. I Seminário Internacional de Representações Sociais, Subjetividade e Educação, Curitiba. **Anais...** Curitiba: PUC, 2011.
- BRASIL. Lei nº 13.123, de 20 de maio de 2015. Regulamenta o inciso II do § 1º e o § 4º do art. 225 da Constituição Federal, o Artigo 1, a alínea j do Artigo 8, a alínea c do Artigo 10, o Artigo 15 e os §§ 3º e 4º do Artigo 16 da Convenção sobre Diversidade Biológica, promulgada pelo Decreto nº 2.519, de 16 de março de 1998; dispõe sobre o acesso ao patrimônio genético, sobre a proteção e o acesso ao conhecimento tradicional associado e sobre a repartição de benefícios para conservação e uso sustentável da biodiversidade; revoga a Medida Provisória nº 2.186-16, de 23 de agosto de 2001; e dá outras providências. **Presidência da República [Casa Civil. Subchefia para Assuntos Jurídicos]**. Brasília, 20 de maio de 2015; 194º da Independência e 127º da República.

- CASTRO H. G.; FERREIRA F.A. A dialética do conhecimento no uso das plantas medicinais. **Revista Brasileira de Plantas Medicinais**, v.3, n.2, p. 19-21, 2001.
- COMBESSIE, J. C. (Ed.). **O método em sociologia o que é, como faz**. São Paulo: Loyola, 2004.
- COUTINHO, D. F.; TRAVASSOS, L. M. A.; AMARAL, F. M. M. do. Estudo etnobotânico de plantas medicinais utilizadas em comunidades indígenas no estado do Maranhão – Brasil. **Visão Acadêmica**, Curitiba, v. 3, n. 1, p. 7-12, 2002.
- DI STASI, L. C. (Org.) **Plantas Medicinais: Arte e Ciência**. Um guia de Estudo interdisciplinar. São Paulo: UNESP, 1996.
- FERRÃO, B. H. et al. Importância do conhecimento tradicional no uso de plantas medicinais em Buritis, MG, Brasil. **Ciência e Natura**, v. 36, p. 321–334, 2014.
- FONSECA, M. C. M. Epamig pesquisa, produção de Plantas Medicinais para Aplicação no SUS. **Espaço para o produtor**, Viçosa, 2012.
- FREITAS, J. C. de; FERNANDES, M. E. B. Uso de plantas medicinais pela comunidade de Enfarrusca, Bragança, Pará. **Bol. Mus. Para. Emílio Goeldi**, Ciências Naturais, Belém, v. 1, n. 3, p. 11-26. 2006.
- GEERTZ, C.O **saber local: novos ensaios em antropologia interpretativa**. Tradução de Vera Mello Joscelyne. Petrópolis: Vozes, 366 p., 2004.
- GIL, A. C. (Ed.). **Como elaborar projetos de pesquisa**. 5 ed. São Paulo: Atlas, 184 p, 2010.
- IDESP, **Instituto de Desenvolvimento Econômico, Social e Ambiental do Pará**. Estatística municipal de Viseu. 2014. Disponível em: <http://seicom.pa.gov.br/kitmineracao/estatistica-municipal/regiao-do-rio-caete/Viseu.pdf>
- JESUS, N. Z. T. D.; LIMA, J. C. D. S.; SILVA, R. M. D.; ESPINOSA, M. M.; MARTINS, D. T. D. O. Levantamento etnobotânico de plantas popularmente utilizadas como antiúlcera e antiinflamatórias pela comunidade de Pirizal, Nossa Senhora do Livramento-MT, Brasil. **Rev Bras. Farmacognosia**, v. 19, n. 1, p. 130-9, 2009.
- LIPORACCI, H. S. N.; SIMÃO, D. G. Levantamento etnobotânico de plantas medicinais nos quintais do Bairro Novo Horizonte, Ituiutaba, MG. **Revista Brasileira de Plantas Medicinais**, v.15, n.4, 2013.
- MACHADO, J. S. **Lugares de gente: mulheres, plantas e rede de troca no delta amazônico**. 350 f. Tese (Doutorado em Antropologia Social) – Museu Nacional, Universidade Federal do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, 2012.
- MARTINS, R. L.; GRIBEL, R. Polinização de *Caryocar villosum* (Aubl.) Pers. (Caryocaraceae) uma árvore emergente da Amazônia Central. **Rev. Brasil. Botânica.**, V.30, n.1, p.37-45. 2007.
- MERÉTIKA, A. H. C. **Conhecimento e utilização de plantas medicinais por comunidades de pescadores do município de Itapoá–SC**. 2008. 69f. Dissertação (Mestrado em Biologia) – Centro de Ciências Biológicas, Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis, 2008.
- MINAYO, M. C. S. (Org.). **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. Petrópolis: Vozes, 2001.
- MONTEIRO, M. J. S. **Conhecimento e uso de plantas medicinais nas comunidadesde uma unidade de conservação: uma contribuição para a gestão da APA Algodão Maiandeu**. 160 f. Dissertação (Mestrado) Gestão de Recursos Naturais e Desenvolvimento Local na Amazônia - Universidade Federal do Pará. Belém, 2012.
- MONTELES, R.; PINHEIRO, C. U. B. Plantas medicinais em um quilombo maranhense: uma perspectiva etnobotânica. **Rev. de Biologia e Ciências da Terra**, v. 7, n. 2, 2007.
- MORAES, S. C. (Ed.). **Uma arqueologia dos saberes da pesca: Amazônia e Nordeste**. Belém: EDUFPA, 2007.
- MOREIRA, R. C. T. et al. Abordagem etnobotânica acerca do uso de plantas medicinais na vila Cachoeira, Ilhéus, Bahia, Brasil. **Acta Farmaceutica Bonaerense**, 21(3): 205-211, 2002.
- OLIVEIRA, F. C. de. ALBUQUERQUE, U. P. de; FONSECA-KRUEL, V. S. da; HANAZAKI, N. Avanços nas pesquisas etnobotânicas no Brasil. **Acta Botanica Brasilica**, v. 23, p. 590-605, 2009.
- OLIVEIRA, I. A. et. al. (Org.). **Cartografias Ribeirinhas: Saberes e Representações sobre Práticas Sociais Cotidianas de Alfabetizando Amazonas**. 2. ed. Belém: UEPA/EDUEPA; 2008.
- PRANCE, G. T. What is Ethnobotany today? **Journal of Ethnopharmacology**, New York, v. 32, p. 9-16, 1991.
- RIOS, M. **La comunidad Benjamin Constant y las plantas útiles de la "capoeira": un enlace etnobotánico en la Region Bragantina, Pará, Amazonia Brasileña**. 539 f. Tese (Doutorado em Ciências e Desenvolvimento Sócio Ambiental) – Núcleo de Altos Estudos Amazônicos, Universidade Federal do Pará, Belém. 2002.
- RODRIGUES, A. G.; CASALI, V. W. D. Plantas medicinais, conhecimento popular e etnociência. In: RODRIGUES, A. G.; ANDRADE, F. M. C.; COELHO, F. M. G.; AZEVEDO, R. A. B.; CASALI, V. W. D. **Plantas Medicinais e aromáticas: etnoecologia e etnofarmacologia**. Viçosa: UFV, p. 25 – 76, 2002.
- SANT’ANA JÚNIOR, H. A. MODERNIDADE E TRADIÇÃO: aspectos de um debate sociológico sempre retomado. **Rev. Políticas Públicas**, v. 9, n. 2, p.19-39, 2005.
- SANTOS, A. M. dos. **Políticas públicas educacionais em áreas de RESEX Marinha: caso Gurupi-Piriá/Viseu-PA**. 135 f. Dissertação (Mestrado em Planejamento do Desenvolvimento) – Núcleo de Altos Estudos Amazônicos, Universidade Federal do Pará. Belém, 2015.
- SILVA, R. B. L. e. **A etnobotânica de plantas medicinais da comunidade quilombola de Curiaú, Macapá-AP, Brasil**. 172 p. Dissertação (Mestrado em Agronomia) – Faculdade de Ciências Agrárias, Universidade Federal Rural da Amazônia, Belém 2002.

- SILVA, T. L. S. da; ROSAL, L. F. Conhecimento intergeracional sobre plantas medicinais na comunidade quilombola João Grande em Viseu/PA. **Cadernos de Agroecologia**. v. 13, n. 1, 2018.
- TAVARES, E. C. **Roteiro Básico para Elaboração do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE)**. Disponível em: http://www.fumec.br/anexos/pesquisa/roteiro_basico_TCLE.pdf. Acesso em 11 de fev de 2016.
- TOLEDO, V. M.; BARRERA-BASSOLS, N. **A memória biocultural: a importância das sabedorias tradicionais**. Tradução de Rosa L. Peralta. São Paulo: Expressão Popular, 2015.
- TOLEDO, V. M.; et al. La selva útil: etnobotánica quantitativa de los grupos indígenas del trópico húmedo de México. **Interciência**, 20: 177-87, 1995.
- TOMCHINSKY, B. et al. Impactos da legislação na pesquisa etnobotânica no Brasil, com ênfase na Região Amazônica. **Revista de Antropologia**, 5: 734-761, 2013.
- VIEIRA, M. J. **Análise do setor de plantas medicinais e fitoterápicos como alternativa de desenvolvimento regional para Santa Catarina**. 111 f. Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento Regional) - Universidade do Contestado. Canoinhas, 2008.
- VIU, A. F. M. et al. Etnobotânica: uma questão de gênero?. **Rev. Bras. de Agroecologia**, Porto Alegre, 5(1): 138-147, ISSN: 1980-9735, 2010.
- WORLD HEALTH ASSOCIATION. **Division of Mental Health. Qualitative Research for Health Programmes**. Geneva: WHA, 1994.